

RESUMO

Na obra “As esferas” (Volume I, II e III) para uma antologia dos espaços humanos, Sloterdijk em quase 1.350 páginas recria a “novela” da produção de múltiplos espaços: como bolhas, globos e espumas, e se inscreve no projeto de uma ontologia relacional que se pergunta onde é o homem quando está no mundo: para o pensamento antigo, estar-no-mundo equivale a um estar-ampliado-na-mãe, pois esta é sua original incubadora de proteção contra os males externos; no mundo metafísico medieval é um estar-em-Deus; no mundo moderno é um estar-em-uma-subjetividade-pensante; e no mundo contemporâneo e pós-metafísico, o homem estar-lançado-no-mundo, sem sua incubadora imunizante materna ou divina ou pensante. A intenção desse artigo é a investigação de sua concepção de espaço, principalmente, de sua idéia de espaços espumosos.

Palavras-chave: esferas, novela, Nietzsche

* Doutoranda em Sociologia no Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, membro do grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Técnica (SOCITEC) e do Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURC). Email: edileneleal@gmail.com.

PETER SLOTERDIJK: THE SPACES' NOVEL

ABSTRACT

In the book “The Spheres” (Vol. I, II and III) for an anthology of human spaces”, Sloterdijk recreates on about 1.350 pages the “novel” of the production of multiple spaces: how bubbles, balloons and foam shape the design of a relational ontology that wonders where is the man when being in the world: for the ancient thought, being-in-the-world equivalent to a stand-in-mother-extended, as this is his original incubator for protection from external evils ; in the metaphysical world is a medieval be-in-God in the modern world is a being-in-one-and-thinking subjectivity in the contemporary world and post-metaphysical man be-released-in-world without your mother incubator immunizing or divine or thinking. The intention of this paper is the investigation of his conception of space, especially his idea of foamy spaces.

Keywords: spheres, novel, Nietzsche

I – INÍCIO

Muitos dos espaços habitáveis pelos seres humanos contemporâneos caracterizam-se, fortemente, pela construção de fachadas que bloqueiam a entrada de externos e por um interior confortável, tranquilo, aberto, onde as tensões constitutivas das relações sociais foram superadas. Essa cena do cotidiano, como diria Michel de Certeau, encontra-se na arquitetura de condomínios luxuosos de casas ou de apartamentos visível em quaisquer grandes cidades atuais quase como franquias reveladoras de desejo e de consumo do espaço globalizado. Nos templos de consumo, como os shoppings centers, hermeticamente cerrados e seguros contra toda exterioridade, construídos para atender às demandas de grupos sociais economicamente dominantes e socialmente engajados nos discursos de negação de sua própria riqueza. Mas também nos espaços lúdicos, com sua atmosfera artificialmente fabricada e suas relações supostamente não-tencionais.

Esses espaços podem ser considerados versões recortadas e reconstituíveis do famoso “Palácio de Cristal” dos ingleses do século XIX do qual nos fala Sloterdijk (2004b), antes Dostoiévski (1824-2000), como metáfora e arquitetura construída pelos modernos para representar seu ideal de espaço que comporta todo seu entorno e que garanta segurança contra as intempéries, os riscos e as tensões externas.

No seu estudo sobre “Esferas” (2009), Sloterdijk revela que o motivo da construção moderna de seus espaços surreais, os palácios de cristal, é a erradicação da penúria e da realidade. Isso significa, em primeiro lugar, que o que caracteriza a história dos seres humanos desde seu vir-a-mundo é o impulso ao elevado ou ao anti-gravitacional; os homens teriam se aprimorado cada vez mais tecnicamente para a conquista de seus espaços e de seus respectivos sistemas de proteção (ou de imunidade) contra as interferências de seu ambiente externo. A gravidade relacionada à pobreza, à dor e às perdas materiais e não materiais, evolutivamente, cedeu à pressão ontológica pelo mimo e pelo luxo.

Em segundo lugar, a vitória do impulso anti-gravitacional significou também a vitória de um sentido de realidade simbolicamente constru-

ída. Isto é, os contemporâneos desprezam o real efetivo através de sua inversão: a conquista de um mundo de luxo e conforto convive com o discurso de recusa dessa mesma realidade segundo o qual caminhamos para a degradação e a miséria. Talvez por isso mesmo esse discurso venha acompanhado da defesa dos ideais mais fundamentais das redes sócio-técnicas da modernidade (Estado racional e economia de mercado): liberdade e igualdade para todos indistintamente (Sloterdijk, 2004a-2009: 606).

Na denúncia desse discurso vitimizante, Sloterdijk (2004a-2009: 597) analisa aspectos importantes das “sociedades de paredes finas”. De um lado, a própria história da ontologia humana é caracterizada, sobretudo, pela tendência ao mimo o que explica o fato de que todos anseiam ser Fausto e conquistar riqueza e bem estar sem a luta sofrida pela sobrevivência: realizar desejos com um passe de mágica do além. A sustentação das sociedades atuais depende dessa farsa de que todos podem ter tudo, ou seja, de que todos podem consumir o que quiserem. Por outro lado, e aí está a ironia desse discurso e seu estandarte, “a muito suportável leveza do ser”¹ somente se atualiza enquanto outros trabalham. Atualmente: “a exploração acostuada do povo por grandes senhores segue a exploração inovadora dos senhores e dos artesãos por seres humanos excepcionais, quer se trate de um sábio, de um artista ou de um conselheiro de empresa” (Sloterdijk, 2004a-2009:596). A condição para que alguns poucos desfrutem do conforto produzido pelas práticas técnicas dos homens ao longo de sua história depende de que uma grande parte fique de fora dela. “Por que quem quer seriamente ajudar aos demais a se converterem em competidores do gozo de bens escassos?” (Sloterdijk, idem: 607).

É nessa medida que os palácios de cristal como grandes viveiros de segurança e mimo estão no mundo para serem desejados por todos, mas não para comportarem essa suposta totalidade. A pergunta é se esses que estão do lado de fora estão de fato passivamente esperando sua vez de entrar.

É respondendo negativamente a essa questão que Sloterdijk elabora

1 Sloterdijk refere-se ironicamente ao livro de Milan Kundera (1984), “A insuportável leveza do ser”.

um diagnóstico do mundo atual segundo o qual a história das lutas dos grupos sociais pelo estado de bem estar chega à contemporaneidade animada pela existência de espaços frágeis, conflituosos e inseguros, ou seja, espumas porosas. A tensão patente entre os privilegiados dos viveiros de cristal e os “perdedores da história” é fortemente motivada pela falsa esperança universalmente divulgada desde os albores da sociedade moderna de que todos podem ter tudo. Isso desencadeou o impulso desinibitório que se encontrava latente entre os perdedores para a conquista do espaço de mimo valendo-se de meios que põem por terra todo o processo civilizatório encaminhado pelos seres humanos desde o começo do seu vir-ao-mundo e estar-no-mundo.

A reconstrução de aspectos importantes dessa tese de Sloterdijk configura o objetivo desse artigo. Para tanto, abordaremos rapidamente o processo de criação das esferas (I, II e III), mas com atenção especial sobre a “Esfera III – Espumas”, volume no qual o autor elabora seu diagnóstico da atualidade. Deve-se destacar as discussões críticas que o autor mantém com Nietzsche e Heidegger para compor o texto sobre as esferas; são críticas exatamente porque não se trata meramente de apropriação de idéias, mas do ato de questionar a validade explicativa de alguns dos conceitos fundamentais dos filósofos alemães e do ato de refazer outros porque assumem sentidos e acentos diversos quando inseridos no movimento de seu próprio pensar.

II – A NOVELA DOS ESPAÇOS

Na obra “As Esferas” (Vol. I, II e III), para uma ontologia dos espaços humanos, Sloterdijk recria, em quase 1.350 páginas, a “novela” da produção de múltiplos espaços: como bolhas, globos e espumas, se inscreve no projeto de uma ontologia relacional que se pergunta onde é o homem quando estar no mundo: para o pensamento antigo estar-no mundo equivale a um estar-ampliado-na-mãe, pois está é sua original incubadora de proteção contra ao perigos exteriores; no mundo metafísico medieval é um estar-em-Deus; no mundo moderno é um estar-em-uma-subjetividade-pensante e no mundo contemporâneo e pós-metafísico o homem estar-lançado-no-mundo, sem sua incubado-

ra imunizante materna ou divina ou pensante (Sloterdijk, 2003: 166). Apenas esse homem conhece o exterior ou o real. Por isso:

Afirmo, pois, que a primeira atividade comum entre os seres humanos não é a casa nem a sexualidade, não é o cuidado das crianças e nem se quer a agricultura, a criação de animais ou a indústria, mas a criação de um espaço de ressonância entre os que têm vida em comum (Idem: 242).

A idéia, por excelência, desse espaço de ressonância que caracteriza toda a história da cultura humana, desde a bolha passando pelo globo até a espuma, é, tanto o fato ontológico fundamental de que os homens criam seus espaços e os criam aperfeiçoando-se técnico-praticamente, quanto o motivo que os anima à aventura da antropotécnica: o impulso até o elevado, o transcendente, o mimo. Dado esse elemento relacional, afirma já de início que seu propósito é a inversão de “Ser e Tempo” de Heidegger com o estudo das esferas já que coloca o acento entre o ser e o mundo e não entre o ser e tempo. Mas mais que isso: recusa a compreensão de Heidegger de que o estar-no-mundo pressupõe uma totalidade, pois é sempre um estar contido em um exterior de algo: “Estamos em uma casa, esta casa está em uma cidade, a cidade está em um país, o país está na Terra, a Terra está em um espaço universal...” (Sloterdijk, 2003: 175). Por isso, esse mundo como totalidade, mas também como individuação (um mundo para cada indivíduo), Sloterdijk (2004a: 2009: 299) substitui por esfera e a expressão ser-no-mundo por vir-ao-mundo, a fim de dotar o ponto de partida fundamental do *Dasein* de um certo dinamismo ou de um certo movimento. Mesmo porque o ser humano é primeiro um estar-fora de sua incubadora originária com o ato do nascimento, para depois ser-em-um-mundo. Essa relação com o mundo não é dado, não é um dado ontologicamente fundante, mas fruto de um constante fazer e refazer sempre com-os-outros, de um devir que não encontra termo em uma aconchegante existência autêntica como queria Heidegger (1927: 1995).

Esse dinamismo do espaço aproxima-se da concepção de Michel de Certeau que, na tentativa de diferenciar espaço de lugar, afirma que este último é estático já que pressupõe posições próprias e bem definidas;

espaço, ao contrário, é o lugar que é praticado pelo convívio humano, por seus signos e sentidos variados, por conseguinte, está em movimento irrefreável. Assim escreve: “(...) ‘o espaço é existencial’ e a existência é espacial” (1990-1994: 202), sua configuração é transformada e reinventada pela experiência com o “fora” ou com o mundo circundante. Nesse sentido, os espaços são produtos da invenção e da criatividade das práticas humanas.

PRIMEIRA ESFERA: BOLHA

Essa novela da produção antropotécnica permite ao leitor acompanhar, mediante sobressaltos, relações, sopros, devires, a criação das esferas e seus sistemas de imunização. Sloterdijk define claramente o que chama de sistema de imunidade: “De tais observações se obtém um conceito de imunidade de rasgos ofensivos, que, partindo do nível bioquímico de sentido, se eleva até uma interpretação antropológica do *modus vivendi* humano como auto-defesa mediante criatividade” (2004a-2009: 192).

Na primeira esfera trata da imersão dos seres humanos no mundo da coexistência, em que a configuração de sua intimidade existe enquanto um nós e não enquanto um “eu” individual; o sentir-se protegido deve-se, em grande parte, a essa proximidade ontológica com o outro. O mundo dos humanos, Sloterdijk aprende com Heidegger, diferentemente do mundo das pedras é um mundo extático, ou seja, mantém-se aberto a co-existência com outros seres humanos.

A micro-esferologia traduz a era da pré-história até a idade média em que a criação de bolhas (grupos sociais como hordas), revela o acento na coletividade como nexos primordial de segurança e proteção. A bolha é uma pequena esfera psico-acústica ou espaço de ressonância capaz de aprender e de se reproduzir pela aprendizagem cujo individual comparece como pólo de ressonância das relações coletivas.

A existência individual e o cosmos estavam tão ontologicamente vinculados que não havia motivo para insegurança: um espaço redondo e uma existência igualmente redonda cujas “alianças por semelhança, participação simbiótica ou de ressonância íntima” davam o tom na com-

preensão do mundo como “asilo” (Sloterdijk & Heinrichs, 2001:2003: 178-9). Esse asilo é fortemente ampliado com a metafísica cristã que introduz a idéia de que todos são privilegiados porque estão incluídos no globo celeste, mundo terreno e mundo celeste são equivalentes, daí o “otimismo” do homem da metafísica clássica com relação ao seu espaço de habitação: está no melhor dos mundos possíveis apenas porque este participa do mundo de Deus, o globo celeste.

SEGUNDA ESFERA: GLOBO

A segunda esfera caracteriza-se pela era da expansão do mundo a partir do século XVI. O espaço das bolhas no qual os seres humanos se sentiam em casa como se estivessem existindo em espaços interiores e em suas ampliações redondas, é superado pelo acontecimento ainda em curso da globalização da terra, iniciado desde as conquistas marítimas de Cristovão Colombo e os questionamentos filosóficos de Copérnico.

Desde que Copérnico revelou o grande segredo por trás da confortável crença dos ocidentais de que tudo, inclusive o Sol, girava em torno do seu mundo com sua teoria do heliocentrismo; seu narcisismo despedaçado teve que buscar motivações para a recuperação de seu lugar privilegiado. Por isso, lançam-se à conquista soberana do mundo até então desconhecido e inexplorado por meio de uma ação desinibida, isto é, os agentes produzem justificativas para sua ação na compreensão de uma subjetividade autônoma e transcendente. Nesse contexto, Sloterdijk parece buscar em Foucault a idéia de que a subjetividade moderna caracteriza-se em suas ambições infinitistas e sua humilhante finitude (2001-2003: 189). Kant é, nesse sentido, um dos mais fecundos motivadores da ação desinibida porque é dele a idéia de que a subjetividade é, simultaneamente, limitada a sua finitude, mas tem autonomia para transcender seus limites empíricos e alcançar a infinitude. A idéia de que as subjetividades autonomamente escolhem a orientação para agir é o que está na base da ação desinibida dos expansionistas europeus que, de maneira geral, acreditou conter único e exclusivamente em si mesmos o direito de ser grande e dominar unilateralmente todo o espaço globalizado.

O principal resultado dessa ofensiva européia foi a interconexão entre dois grandes acontecimentos: a implementação do sistema mundial (capitalismo e Estado Nação) e a mudança nas estruturas imunitárias. A globalização terrestre significou, em larga medida, a emergência do fenômeno novo e homogêneo da globalização econômica e tecnológica. A ação desinibida da expansão européia levou aos quatro cantos do mundo o aperfeiçoamento técnico como meio de produzir cada vez mais lucro e consumo capitalista. Para tanto, estava respaldada, politicamente, na constituição de um outro fenômeno igualmente importante, os Estados Nacionais, como redes de defesa dos ideais de liberdade e igualdade para todos.

Do século XVI ao início do século XX, o homem dedica-se ao aprimoramento de suas capacidades técnicas e à domesticação de seus corpos por meio da construção dessas instituições técnico-sociais, a fim de constituir viveiros de proteção contra os perigos externos. A unificação dos espaços em torno da macro-esfera, um só espaço compartilhado por seres humanos dóceis e civilizados, responde à demanda de infinitude do homem moderno (Sloterdijk, 2001-2003:217).

TERCEIRA ESFERA: ESPUMA

Sloterdijk acredita que o século XX inicia o processo de derrocada da modernidade, do globo e do humano construído como um corpo dócil e uma entidade uniforme. A motivação principal para a antropológica também não é mais dada por um horizonte espaço-temporal estabilizado, unificado, funcional. Em seu lugar, o humano se auto-constrói como *cyborg* e constrói seu espaço motivado unicamente pelo conforto e pelo luxo. Esse humano se fragmenta, se individualiza, se auto-constitui e se re-constitui em partes diversas e desiguais; o humano-*cyborg* do espaço atual é quase o humano-esquizóide de Deleuze e Guatarri, ambos constroem zonas habitáveis plurais, irregulares, frágeis, móveis, ilhas constituídas auto-referencialmente como espumas, em Sloterdijk, ou como espaços estriados e rizomáticos, em Deleuze e Guatarri (Sloterdijk, 2009: 33). As espumas representam a poliesferologia que marca os tempos atuais.

“São unidades simbióticas conformadoras de mundo”, por isso parecem comunicar-se entre si, mas têm em comum apenas o aprendizado, regras de convivência social, o *habitus*, a cultura. Sloterdijk compara as espumas com os “ocupantes de veículos, que viajam em filas uns atrás de outros: cada grupo de viajantes conforma dentro uma célula ressonante, entre os veículos, sem dúvida, reina o isolamento, e assim é melhor, posto que a comunicação significaria colisão” (Idem: 52).

É compreensível que Sloterdijk retome aqui a teoria dos sistemas de Luhmann. Pois este parte da tese da ontologia pluralista ou da existência de entornos múltiplos dos seres humanos para defender que o que caracteriza a sociedade atual é a auto-constituição de subsistemas sociais mediante operações técnicas de diferenciação com seu mundo ambiente. Cada subsistema é fechado estruturalmente em suas especificidades técnicas e aberto cognitivamente à entrada de informações provenientes do mundo e de outros subsistemas. São ações que acoplam informações (sentidos, regras, códigos, etc) à funcionalidade estrutural dos sistemas, selecionando o que se adequa e excluindo o que não se adequa. Segundo Sloterdijk (2009:198-9), da possibilidade de desacoplamento dos sistemas de seu entorno, geram espaços de liberdade internos que permitem a produção de indeterminação e de desordem no interior do sistema. Nessa situação, surgem as espumas como espaços sobre os quais as normas externas não exercem controle. É nesse sentido que afirma que apenas o ser humano das espumas conhece seu entorno (seu mundo exterior) bem como conhece concretamente a liberdade, entendida como a liberação do funcionar conjuntamente e do discurso da verdade.

Para o autor de “Esferas”, se não se parte dessa compreensão: “O ar da ilha liberta”, se perderá as possibilidades de retomada, sob outros ângulos mais afinados com os novos tempos, do processo de levitação.

Uma vez que compreendemos melhor o caráter construído e insular das zonas habitáveis pelo homem, entendemos de forma mais inteligente os recursos escassos como a simpatia, a iniciativa e a atmosfera. No mundo moderno os homens podem degenerar de uma maneira monstruosa, podem contrair um catarro ontológico incurável ou experimentar a solidão e o desamparo, a depressão e o retiro do sentido, situações para as quais não existem remédios disponíveis.

Sendo conscientes dessa situação, podemos interpretar esta capa de oxigênio que chamamos cultura e onde nós existimos, por um lado, de um modo mais cuidadoso e, por outro, mais técnico do que fazemos em geral. (...) Quem não quer pensar a margem da ilusão do mundo da vida, quem não deseja colocar perguntar técnicas, quem não tem interesse em participar da análise do tipo ‘como é possível um espaço que responda às motivações’, este é, em meu entender, um mero passageiro, um simples consumidor das produções culturais, não um teórico da cultura. Lamentavelmente, a maioria dos professores de filosofia responde ao perfil de passageiro (Sloterdijk, 2001-2003: 214-215).

Para Sloterdijk, portanto, a cultura produzida tecnicamente é a “capa de oxigênio” da qual dispõem os seres humanos para se protegerem das possíveis e insondáveis catástrofes que os ameaçam. O humanismo moderno que orienta a recusa filosófica e científica da compreensão das práticas antropotécnicas dos espaços como processo civilizador e, por isso, necessárias para a sobrevivência desses espaços e de seus moradores, sempre serviu para legitimar as práticas centralistas ou totalizantes dos Estados modernos.

Pois, o que significou o disciplinamento dos corpos e a instalação de panópticos de vigilância dos espaços mono-esféricos da modernidade, referendados pelo humanismo? Senão o aniquilamento da diferença, da liberdade e da pluralidade esferológica? Segundo Sloterdijk:

(...) a idéia segundo a qual o campo social conforma uma totalidade orgânica e está integrado em uma hiperesfera oni-mancunada e oni-inclusiva; não significa outra coisa do que a propaganda autoplástica dos impérios e das ficções-reino-de-Deus desde tempos imemoriais. (...) ‘sociedade’ não designa nem (como no nacionalismo violento) um receptáculo mono-esférico que inclui uma população inumerável de indivíduos e famílias sob o nome político essencial ou um fantasma constitutivo (2009: 49).

De forma chocante, como lhe é própria, chama Hitler de filósofo clássico porque ambos anseiam pela totalidade, pela identidade imutável e pela unidade.

Filósofos clássicos e humanistas se aliam às práticas liberais dos Estados modernos que faz muito deixaram de basear-se na função de constituir consensos para requererem para si a função de redistribuição das riquezas e de acesso ao conforto. O Estado de Bem-Estar Social providencia, prioritariamente, a “democratização do luxo” (Sloterdijk, 2009: 600; 2004: 22), isto é, acentua o desejo do homem pelo luxo que o caracteriza desde sua chegada a terra. O que é inaudito nesse momento moderno é tão somente a tentativa paradoxal de horizontalizar esse processo, de pressupor que todos podem tornar-se mimados, confortáveis e luxuosamente refinados.

Compreende-se por que Fausto e Mefistófeles, personagens de Goethe, tornaram-se as figuras fundamentais da modernidade: o primeiro é aquele que alcança o *topos* de luxo sem a caminhada tortuosa do trabalho, o segundo oferece os meios técnicos mesmo que “técnico-diabólicos” necessários para o “novo homem” como Fausto realizar seu desejo. Com isso, Sloterdijk deixa entrever como a corrida moderna para a realização supostamente horizontal do desejo de luxo implicou em uma reflexão metamoral sobre os fatos morais; o que para a moralidade anterior ao século XX era considerado pecado mortal neutraliza-se em fator de produção e consumo: desejar o supérfluo, o inessencial, os bens mundanos.

A modernidade, em todas suas esferas de atuação, promoveu uma reviravolta, e segundo Sloterdijk negativa, do processo civilizatório, aqui entendido em termos de levitação ou cultivo da diferença: elevar-se para longe da maioria. Sua força encontra-se na pedagogia inibitória dos desejos que educava as pessoas a negarem a possibilidade de realização de seus desejos. A possibilidade de configurar *Kultur* é condicionada pelo controle das paixões mundanas em favor do cultivo em alto grau das artes e das ciências. A cultura se mistura à prática moral porque é esta que justifica a recusa à satisfação plena das vontades individuais pela prática de valores sublimes como honra social e cultivo de si mesmo. A marca caracterizadora desse processo cultural é o cultivo da diferença e da distinção. Norbert Elias já havia constatado que a inibição dos afetos produzira, historicamente, um *habitus* social no qual se reconhecia a tensão entre o superior e o inferior, o elevado e o vulgar.

O processo civilizatório operado pela modernidade através da con-

quista de meios técnicos, de políticas de bem-estar-social e de princípios de igualitarismos e de liberdades individuais, pressupõe exatamente que o vertical se curve diante do horizontal, que o elevado esteja ao alcance de todos. O céu dos modernos desce até a crosta terrestre e constrói espaços intra-mundanos como espaços de transcendência. Esse caminhar do processo de levitação que se horizontaliza faz emergir discursos vitimizantes segundo os quais caminhamos para a pobreza e a decadência generalizada. Inclusive entre os conservadores que se supunha uma compreensão mais adequada desse processo, lamenta Sloterdijk, assistimos às defesas comoventes dos discursos da gravidade. Para ele, ser conservador significa:

(...) contar seguramente de que nunca pode tornar-se opinião dominante. (...) É conservador quem se nega a acreditar que o bom e o nobre estejam ligados ao lugar e a repetibilidade; para o vulgar bastam, pelo contrário, o princípio da maioria e a repetição mecânica. (...) Se o *main-stream* otimista fala da melhoria constante das condições de vida, o conservador revela o contrário (2009: 513-514).

Diante do mundo moderno simétrico, Gehlen, dentre outros heróis do conservadorismo moderno (Schmitt e Heidegger²), comportaram-se como pensadores sérios e aborrecidos com um tempo e um espaço que perderam o tom e o compasso da era pré-guerras mundiais. Se não é mais como antes, tudo perde sentido e valor elevados. Sloterdijk elabora uma cuidadosa análise dos aspectos do pensamento desses importantes teóricos do século XX nos quais o homem aparece ontologicamente caracterizado entre a carga e a descarga, entre a carência e a plenitude. No caso de Gehlen, o ser humano é primordialmente uma criatura de carências: organicamente pobre de recursos, dependente de proteção, predisposto a autodestruição e ao desmedido; apenas imerso na cultura pôde escapar desses limites, constituindo-se de capacidades criativas de autodeterminação. Partindo dessa tematização, Gehlen constrói uma das mais fecundas análises do processo histórico de refinamento e de

² Deve-se considerar que Heidegger é hoje mais uma referência para os pós-modernos do que para qualquer outra corrente de pensamento.

descarga do ser humano. Descarga é um mecanismo de proteção contra a disposição ontológica do homem para o excesso e o gasto desmesurado de energia. Pode-se dizer que leis, proibições, controles simbólicos foram criados para conter esse animal desmedido que sempre deseja alcançar o mais elevado. Nesse processo de disciplina civilizatória, o “conservador de vanguarda”, segundo Sloterdijk, destaca que uns têm maior predisposição para a prática ascética da elevação, por isso sabem lidar melhor com a energia criativa da descarga sem serem sugados pelo excesso. Enquanto que outros tantos menos afeitos a ascese devem dedicar-se a realização das atividades objetivas e técnicas da cultura. Todavia, as condições sócio-culturais da modernidade imprimiram desejos de realizações igualitárias, ilusões de que todos podem perseguir a descarga de energia desmedida. Com isso, nega a prática civilizatória de administração das energias humanas de carência e de excesso, para sugerir a implantação de um sistema de imunidade contra qualquer sorte de “infecções da psique”: com a prática psicológica da rotina e antropológico-cultural das instituições controladoras.

Segundo Sloterdijk, Gehlen escolheu a via da carência e da seriedade: diante da descoberta de que o ser humano é capaz de ações superiores e simbolicamente ambiciosas, inverte os termos da sua própria antropologia quando começa ver com negatividade a predisposição humana ao mais elevado. Como um “adulto” sério não conseguiu compreender que a dispersão, a ligeireza, a fluidez, a singularidade que caracterizam o ser humano atual podem ser ricos que seus ideais de rotina, disciplina e compleição.

Por analogia com isso, deveriam ter tido mais clareza que a ligeireza é toda uma dimensão mais rica que a seriedade, a indecisão que a decisão, e, finalmente, por tocar o núcleo mais quente da atualidade: que a falta de compromisso abarca um campo mais complexo de situações, tomadas de posições e oportunidades existenciais que o compromisso (Sloterdijk, 2009: 548).

Pode-se dizer que Sloterdijk é um pensador que acredita na possibilidade de retomada do processo civilizatório vertical como cultivo das capacidades essenciais humanas. Mas sem a carga, as preocupações,

o tédio e o masoquismo que caracterizam esses pensadores. Sloterdijk retoma, dando acentos próprios, o humor e a leveza de Nietzsche. Sem culpa, afirma com Nietzsche que a elevação é para poucos, que apenas os que vencem a luta incessante pelo controle do mimo e da riqueza podem ter acesso pleno aos seus bens superiores. O fato de que a modernidade se caracterizou pela expansão do mimo, mais exatamente pelos discursos de democratização do mimo, não significa dizer que os seres humanos estão livres dessa tensão constitutiva: vencidos e vencedores são os oponentes da guerra pelo controle dos espaços e dos produtos. Todos são muitos, e os bens são escassos; os produtos não comportam o volume da demanda.

Esse Sloterdijk é o mesmo que empreende a crítica da razão cínica dos modernos segundo a qual estes justificam o uso de qualquer meio e de qualquer fim como bom a priori apenas porque mantém afinidade com a verdade. A vontade de verdade e a vontade de poder se aliam na maneira como os poderes esclarecidos pensam o Estado, a sexualidade, a religião, as armas, a técnica e a ciência. Como alternativa ao cinismo esclarecido, Sloterdijk reconfigura a relação entre saber e poder a partir do movimento de “impulso quínico” que se apresenta sob a forma de um humor insolente e corrosivo da verdade. O quínico imita a atitude do “homem gato” Diógenes de Laércio que andava com uma lamparina em plena luz do dia buscando a verdade, sempre instintivo, anti-reflexivo, anti-idealista, anti-teórico; investido de uma *Aufklärung* jovial e desembaraçada de qualquer teleologia e fundamentos últimos.

Também nas “Esferas” pretende desvendar o que estar por trás do mais importante paradoxo moderno: o engajamento na luta pelo reconhecimento do outro implica em ter esse outro como “companheiro e rival”, já que se trata de abrir-lhe o campo de acesso ao mimo que já lhe foi liberado. Isso acontece porque a conquista moderna do luxo vem acompanhada pelo forte embasamento de uma moral de cunho liberal-cristão que dita o texto dos discursos dos atores do sistema de bem estar: valores como justiça, generosidade e liberdade somente têm sentido como, respectivamente, acesso de todos ao sistema de conforto, ressentimento com as desigualdades na repartição das vantagens do mimo e assentimento ao egoísmo do outro. Essa suposta “justiça infinita” demanda uma situação impossível de luxo interminável. Com

isso, apenas se tenta encobrir, primeiro, o conflito entre os já agraciados com o mimo e os pretendentes a este; segundo, a confirmação e aumento da posse dos que já alcançaram o topo do sistema de bem estar. Sloterdijk escreve:

Enquanto os atores do sistema se identificam com seus papéis e criam em seus textos, não têm perspectiva global alguma sobre o viveiro de bem estar e as bases de seu funcionamento. De suas autodescrições, há que destacar, naturalmente, expressões como mimo, aligeiramento, luxo e descarga: a semântica dominante as ofusca mediante fórmulas como liberdade, segurança e reconhecimento. De fato, o que é importante para os indivíduos que estão no umbral acima do sistema de bem estar é seu próprio *empowerment*; o segundo passo da emancipação reafirma reivindicações a participar no fluxo do conforto. Porém, quando os habitantes do viveiro da sobreabundância convertem em uma segunda natureza a docilidade às fantasias da carência, não se percebe facilmente de que modo haveriam de levar a cabo, por sua própria vontade, a mudança de perspectiva. Se a teoria [convertida] em meio da vida é sempre o improvável, a teoria do mimo nos mimados é o mais improvável (2009: 609).

Para dar conta desse paradoxo e da situação de improbabilidade dele decorrente, os indivíduos criam uma forma de ver e de experimentar a realidade a partir da “extrapolação e do estranhamento estético”. Isto é, a sociedade atual é constituída pela criação de amplos, climatizados e luxuosos espaços-espumosos envolventes que o visitante, a princípio, sabe que é diferente do “normal-real”. Mas depois são rapidamente atraídos pela visibilidade do conforto de suas instalações. Entram como visitantes, mas se tornam habitantes que compartilham desejos em comum, assimiláveis assim que se encantam por eles, os consomem e os realizam estético-artificialmente. Para Sloterdijk, todos são ou artistas ou consumidores de arte nas espumas subculturais. “O que é ‘o capitalismo’, ‘o Ocidente’ ou ‘o mundo de bem estar’ se experimenta visitando, por exemplo, a *Clínica dos Sonhos* de Ilya Kabakow; uma estadia em Eurodisney (...) (Idem: 616).

Tal como os modernos visitaram e experimentaram o “Palácio de

Cristal”. Para Sloterdijk, os sistemas de imunização de fins da modernidade e da sociedade atual mantêm uma relação indissociável entre o universalismo global e os espaços de paredes transparentes. Isto é, a colonização do mundo mediada pela expansão do conhecimento aos mais variados e longínquos lugares do mundo e pela pressuposição de que o progresso técnico-econômico é universal e igual para todos, corresponde à imagem da construção de “palácios de cristal” como viveiros de proteção que não se furta ao desejo e a ilusão de que todos podem neles ser incluídos.

Essa metáfora “palácio de cristal”, emprestada de “Memórias do Subsolo (1864-2000)” de Dostoiévski, referindo-se ao suntuoso espaço de “Exposição Universal de Londres”, construído em 1851, guarda exatamente o mesmo sentido original. Isto é, um imenso espaço com interior climatizado ou seu ar ambiente artificialmente produzido, conforto e segurança igualmente repartidos e a “eterna primavera do consenso” (Palácio de Cristal) regendo a vida comunitária de vidro.

Segundo Sloterdijk, Walter Benjamim perdeu momentaneamente “sua admirável capacidade fisionômica” quando viu o palácio de cristal londrino como apenas a versão ampliada de uma paisagem representativa do capitalismo moderno. Não percebeu, com Dostoiévski, que sua estrutura arquitetônica permitia (pois ele já foi implodido em 1991) uma visão integral do capitalismo como nenhum outro emblema de suas ambições visuais. Nenhuma paisagem de Paris ou descrição da conduta de seus passantes ou suas figuras típicas comporta tanta riqueza metafórica e visual para entender os viveiros de proteção das sociedades atuais quanto o palácio de cristal.

Isso explica o aparecimento de outras construções suntuosas, construídas nos mais diversos lugares do mundo (China, Japão, Itália, Espanha, EUA) com cristal ou materiais substitutos do cristal como “polietileno, plástico e PVC” para garantir a permeabilidade da luz e dotar o espaço da transparência necessária para ser visto, visitado e desejado. É um espaço fechado, mas aparentemente ao alcance de todos. Também são assim os modelos arquitetônicos do século XXI, que Sloterdijk chama de ilhas absolutas, espumas, estações orbitais, verdadeiros viveiros de proteção cuja fusão do exterior no interior, caracteriza os tipos de zonas habitáveis atuais. Essas espumas: “centros comerciais,

recintos de festas, estádios, espaços lúdicos cobertos, estações orbitais e gated communities” (2004b: 13). Também são assim os mais modernos condomínios fechados de casas e apartamentos nos quais o conforto e luxo são tão visíveis que parecem sob a luz do tangível, qualquer um se desejar poderia a princípio habitar seu espaço, pelo menos assim propagandeia o capitalismo globalizado de hoje.

A transparência dos espaços revela muito do tipo de ser humano e ser-no-mundo que habita essas ilhas espumosas. Por um lado, uma atitude voyeurista; por outro, um “tédio normativo generalizado”. Heidegger já havia dito, e Sloterdijk sabe-o bem, que o mundo moderno é o mundo das imagens, o ser-no-mundo absorve a realidade desde suas condições artificialmente estudadas. E essa absorção é feita a partir de uma atitude entediada com o mundo em que diante da vitória ou da realização sobrevém necessariamente o tédio com o realizado. Schopenhauer advertira para o sofrimento ontológico decorrente da realização da vontade segundo um ciclo sem fim: a ansiedade de uma vontade por realizar, a realização consumada e o tédio aterrador que se demora até que sobrevenha uma nova vontade.

O que torna possível o entediar-se atual é a conquista do mimo. Apenas porque a modernidade cumpriu sua promessa de uma maior democratização do luxo é que é possível um maior número experimentar o tédio da existência antigravitacional: poder experimentar o estado de vigília enquanto estado ausente de tensões é privilégio recente. Do ser-no-mundo como aquele que tem tempo livre porque goza do privilégio da conquista do luxo e porque goza da “tranquilidade, vazio, simplificação e sentimentos autênticos” num continuum de paz, resulta na imersão do ser humano na morbidez e na epidemia do negativismo. Segundo Sloterdijk:

As culturas do ressentimento são possíveis, e prosperam como nunca, porque pelo encontro da frustração e tempo livre existe muita atenção concentrada em guardar rancor pelas humilhações; os cuidados sempre em vigília dos intelectuais produzem inquisições incessantes mudam contra as ofensas do êxito. Resta a dúvida de que essas formas de luxo redundam em proveito da cultura total, seja lá isso o que for. Desde o ponto de vista otimista, pode observar-se como o ressen-

mento estimula o metabolismo da agressão mediante fantasias de humilhação ricas em material maduro (2009: 636).

Sloterdijk revela-se um otimista confesso, pois não somente no grande ensaio sobre “As Esferas”, mas também em ensaios menores como “O Desprezo das Massas”, “Regras para o Parque Humano” e outros, mostra-se decidido a desvendar o que está por trás dos discursos vitimistas de conservadores e revolucionários bem como de humanistas propagadores da domesticação do ser (inibição dos desejos). Talvez antes de ser um otimista ele seja, como ele próprio se autodenominava, um “toxicômano voluntário” da realidade. O proceder metodológico da imersão toxicológica na realidade permite-o “experimentar o excesso e o terror de seu próprio tempo” a fim de melhor diagnosticá-lo.

Finalmente, diante da pergunta: “Onde estamos quando somos no mundo atual”? Sloterdijk responde que estamos em “espaços encantados, que gozam de uma imunidade imaginária e de uma comunidade de essência e de eleição, magicamente generalizada” (Sloterdijk, 2009:49); nos quais se anunciam:

A práxis do terrorismo, a concepção de design do produto e as idéias do meio ambiente. Com o primeiro, se estabeleceram as interações entre inimigos sobre fundamentos pós-militares; com o segundo, o funcionalismo conseguiu reincorporar-se ao mundo da percepção; com o terceiro, os fenômenos da vida e do conhecimento se vincularam entre si a uma profundidade desconhecida até então (2009: 75).

Esses acontecimentos demonstram o quão frágeis, fugidias, fluídas são os espaços humanos e seus sistemas de proteção atuais, pois a evolução técnico-científica do conhecimento humano dotou a guerra do terror de armas que atentam não sobre o corpo das pessoas, mas sobre o clima e atmosfera da existência humana. A guerra desde o século passado transmutou-se em guerra de gás cuja produção de viveiros tecnicamente aprimorados de luxo e conforto como as ilhas absolutas escondem apenas a tensão gestada e ampliada na atual situação de desinibição e violência descontrolada. Os perdedores da história da luta entre grupos sociais pelo controle do bem estar, habitam o outro lado

do Ocidente, avisa o autor, e se encontram nas melhores circunstâncias para se tornarem vencedores:

Os invasores podem ocupar, sem esforço algum, o sistema nervoso dos moradores do palácio de cristal porque estes, condicionados pelo tédio que reina no palácio, aguardam notícias do exterior; os programas gerados pela paranóia, desprovido de trabalho, se afanam por causar êxtase por qualquer indício de aparição do inimigo (2004:18).

Diante disso, Sloterdijk não é tomado pelo niilismo pessimista que ronda o pensamento atual. Acredita que “se a Europa despertar” do seu sonho de paz e mimo para todos e se seus intelectuais e cientistas encararem a antropotécnica como a principal característica da história do ser humano na terra, podem retomar o controle do processo civilizatório. Mesmo que para isso retome a longa e violenta era em que protagonizou a guerra desinibida pela conquista do mundo de bem-estar.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: *Obras Escolhidas III*. Brasília: Brasiliense, 1989.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, vol. 2.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, (2 vol.).

ELIAS, N. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. *Les mots e les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989 (2 vol.).

LUHMANN, N. *Sistemas Sociais: lineamentos para uma teoria geral*. Barcelona: Anthropos, 1998.

NIETZSCHE, F. *Assim Falava Zaratustra*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Porto: Editora Rés, 1989.

SLOTERDIJK, P. *Esferas II*. Madrid: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, P. *Esferas III*. Madrid: Siruela, 2009.

SLOTERDIJK, P. *Crítica de la Razón Cínica*. Madrid: Taurus, 1989.

SLOTERDIJK, P. *Palácio de Cristal: Conferência*. Madrid: Siruela, 2004b.

SLOTERDIJK, P. *Regras para o Parque Humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SLOTERDIJK, P. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, P. *Se a Europa despertar*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, P. & HEINRICHS, Hans-Jürgen. (2001) *El Sol y la Muerte*. Madrid: Siruela, 2004.

Recebido em 05 de março de 2010.

Aprovado em 01 de junho de 2010.